

## Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026

AMENDOIM.....	2
OLERICULTURA – REPOLHO .....	3
MILHO .....	4
FEIJÃO.....	4
LEITE .....	5
PERUS.....	5
OVOS.....	7

O 23º Boletim Conjuntural do Deral destaca os impactos do clima e do comércio exterior no agronegócio paranaense. No setor de **ovos**, o mercado nacional enfrentou uma retração de 14,5% nas exportações no primeiro quadrimestre de 2026 devido às barreiras tarifárias de 50% mantidas pelos EUA. Apesar disso, o Paraná consolidou-se como o segundo maior exportador do país.

No **amendoim**, o país caminha para uma safra recorde, com o Paraná respondendo por 5,6 mil toneladas concentradas nas regiões de Paranavaí e Umuarama. Na **olericultura**, o preço do repolho pago ao produtor recuou, embora o patamar atual siga muito superior ao do ano passado em toda a cadeia de abastecimento.

O **milho segunda safra** mantém estabilidade em sua área de 2,9 milhões de

hectares. O excesso de dias nublados e temperaturas baixas geram cautela quanto ao teto produtivo. Cerca de 79% das lavouras apresentam boas condições e o risco imediato de geadas está afastado pelas previsões meteorológicas.

O **feijão** sofreu perdas por estiagem e geadas nas regiões Sul. A estimativa de colheita recuou em relação ao ciclo anterior, restando cerca de 37% das lavouras em situação boa no momento em que os trabalhos de campo atingem metade da área total.

No **leite**, o cenário é de valorização para o pecuarista. O preço pago ao produtor subiu 11% em maio, movimento impulsionado pela menor captação industrial. A alta traz fôlego às margens do campo e é repassada parcialmente ao consumidor no varejo.

Por fim, as exportações de **carne de peru** dispararam no primeiro quadrimestre, atingindo 22,3 mil toneladas e gerando US\$ 90,8 milhões. O Paraná garantiu a terceira posição no ranking nacional de embarques, amplamente beneficiado pela valorização internacional do produto *in natura* e pela forte demanda do México e do Chile.

Boa leitura!

## **AMENDOIM**

*Adm. Edmar Wardensk Gervasio*

Com a chegada de junho, o Brasil entra no clima das tradicionais festas juninas, marcadas por muita animação, músicas típicas, danças e uma gastronomia que desperta memórias afetivas. Entre os ingredientes mais presentes nessas comemorações, o amendoim ocupa lugar de destaque.

Curiosamente, o amendoim possui uma característica rara entre as principais culturas agrícolas, suas flores se desenvolvem acima do solo, mas seus frutos são formados debaixo da terra. Após a fecundação, uma estrutura da planta cresce em direção ao solo e enterra o futuro fruto, onde ocorre o desenvolvimento das vagens.

Até os anos 1970, grande parte da produção brasileira de amendoim era direcionada à fabricação de óleo vegetal para consumo doméstico. No entanto, a expansão da cultura da soja e sua maior competitividade econômica levaram à substituição gradual do amendoim como matéria-prima para esse segmento industrial. Com isso, o óleo de soja passou a dominar o mercado nacional.

A partir dessa mudança, o amendoim encontrou novas oportunidades de mercado. Atualmente, sua utilização está concentrada

principalmente na indústria de doces e confeitados, além do consumo direto em diferentes formas de apresentação. Durante as festas juninas, sua importância se torna ainda mais evidente, sendo ingrediente essencial de produtos tradicionais como paçoca, pé-de-moleque, amendoim caramelizado e diversas sobremesas típicas, além de poder ser consumido torrado ou in natura.

De acordo com estimativas da Conab, a produção brasileira de amendoim na safra 2025/26 deverá alcançar 1,20 milhão de toneladas. Caso esse volume se confirme, será o maior já registrado no país, superando o recorde anterior que foi atingido na safra passada. O Estado de São Paulo lidera a produção nacional, respondendo por quase 80% do total produzido. Na sequência aparece o Mato Grosso do Sul, com produção estimada em 184,1 mil toneladas, equivalente a aproximadamente 15% da safra brasileira.

No Paraná, a expectativa é de uma produção de 5,6 mil toneladas de amendoim nesta safra, representando cerca de 0,5% do volume nacional. A colheita no Paraná na principal região produtora, Paranavaí, já está finalizada, restando área a colher somente na Região de Umuarama que tem o segundo maior volume de área. A região de Paranavaí responde por pouco mais de 50% da produção

**Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026**

estadual de Amendoim e a região de Umuarama com quase 23%.

## **OLERICULTURA – REPOLHO**

*Eng. Agrônomo Paulo Fernando de Souza  
Andrade*

Análises oficiosas sugerem que, em 2025, os repolhos no Brasil ocuparam uma área de 30,0 mil hectares (ha) com produtividade média de 45 t/ha, propondo uma colheita de 1,4 milhão de toneladas (t).

No entanto, a produção de repolhos registrada no distante Censo Agropecuário 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — a única fonte oficial de mensuração da atividade — indicou uma colheita de 467,2 mil toneladas da **brássica**, tendo sido explorada em 38,2 mil estabelecimentos e com a geração de um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 227,4 milhões.

Apontando números de 6,1 mil unidades rurais e receitas brutas de R\$ 31,8 milhões para um volume de 65,4 mil t, à época, o Paraná figurou como o segundo produtor nacional, sendo responsável por 14,0% do VBP do país e das quantidades, e 11,3% do número de estabelecimentos com a cultura, segundo o IBGE.

Em contraste, as informações coletadas por este Departamento — dentro

de nosso escopo — demonstram que, em 2024, o repolho gerou um VBP de R\$ 239,1 milhões, para um volume colhido de 267,8 mil t em 9,2 mil ha, estando presente em 344 municípios paranaenses.

O NR de Curitiba concentra os cultivos e participa com 70,7% das quantias colhidas e do VBP (6,5 mil ha – 189,2 mil t – R\$ 169,0 milhões), complementado por lavouras atomizadas pelo estado. O município de São José dos Pinhais lidera com 3,2 mil ha, produção de 92,0 mil t e R\$ 82,1 milhões de VBP, representando 34,2% da área e 34,4% das colheitas e da renda bruta. Araucária, em sequência, com 1,7 mil ha, 47,0 mil t e R\$ 42,0 milhões, responde por 17,9% da superfície e 17,6% dos volumes e VBP. Ambos, contíguos à capital, somam mais da metade dos índices da cultura no estado.

O preço médio mensal recebido pelos produtores paranaenses em maio último para o repolho foi de R\$ 32,46/cx 28 kg (R\$ 1,16/kg), uma redução de 14,75% em relação aos R\$ 38,07/cx 28 kg (R\$ 1,36/kg) percebidos em abril/26 e, nominalmente, 82,69% superior ao de maio/25, quando se recebeu R\$ 17,77/cx 28 kg (R\$ 0,68/kg).

No atacado — Centrais de Abastecimento do Paraná (Ceasas/PR), entreposto de Curitiba —, o engradado de

**Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026**

25 kg do repolho grande iniciou o ano de 2026 cotado a R\$ 20,00 (R\$ 0,80/kg) e, nesta semana, aferido em R\$ 50,00 (R\$ 1,78/kg), conferiu um aumento de 150,0%. Em relação à mesma data de junho de 2025, os preços dobraram, quando os valores correntes foram de R\$ 25,00/cx 20 kg (R\$ 0,90/kg).

Em maio último, o varejo praticou preços para o repolho de R\$ 6,33/kg, um aumento de 4,29% frente aos R\$ 6,07/kg de abril e 42,84% a mais que em maio/25, quando nominalmente se estabeleceu em R\$ 4,43/kg.

## MILHO

*Adm. Edmar Wardensk Gervasio*

As condições das lavouras da segunda safra de milho 2025/26 permaneceram estáveis nesta semana. O relatório do Deral apontou que, dos 2,9 milhões de hectares plantados neste ciclo, 79% apresentam condição boa de desenvolvimento, 14% tem condição mediana e 7% apresenta condição ruim.

No campo, de modo geral, a expectativa ainda é de uma boa produção. Entretanto, a ocorrência de mais dias nublados e de temperaturas mais baixas pode reduzir a produtividade média no Estado.

O maior risco para a safra neste momento seria a ocorrência de geadas. Contudo, a previsão estendida para os próximos 14 dias do Simepar não indica a ocorrência desse evento.

Atualmente, 17% das lavouras já estão na fase de maturação e apresentam risco muito baixo de sofrer eventuais danos. Os outros 83% ainda estão suscetíveis, porém, como não há previsão de geadas, a tendência natural é que, nos próximos dias, boa parte dessa área fique livre desse risco.

## FEIJÃO

*Economista Marcelo Garrido Moreira*

A severidade do clima impôs um duro revés à segunda safra de feijão no Paraná. Castigadas primeiramente por uma longa estiagem e, logo em seguida, por geadas que atingiram em cheio as regiões mais ao sul do Estado, as lavouras tiveram seu ciclo de desenvolvimento seriamente comprometido.

O reflexo dessas intempéries já é sentido no campo, onde os trabalhos de colheita alcançaram exatamente a metade da área total plantada (50%). O estresse hídrico e térmico cobrou seu preço na qualidade das plantas: no momento, o índice de lavouras em boas condições restringe-se

**Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026**

a 37%, com outras 39% classificadas como regulares (médias) e uma parcela significativa de 24% avaliada como ruim.

A estimativa atualizada projeta um volume total de apenas 332,1 mil toneladas do grão. Esse montante não apenas consolida uma queda de 38% frente ao desempenho da safra passada, mas também evidencia uma forte frustração no planejamento dos produtores do Estado, ficando 21% abaixo da expectativa de colheita que o setor nutria no início do ciclo.

## LEITE

*Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

O preço médio recebido pelo produtor de leite paranaense segue subindo. Na média de maio, o pecuarista recebeu R\$ 2,64 por cada litro de leite posto na indústria, uma alta de mais de 11% em relação aos R\$ 2,37 registrados em abril, e encurtou a distância para os R\$ 2,86 do mesmo mês de 2025. A alta traz alento ao produtor, que passou 2025 com margens apertadas. Ainda assim, a elevação pode ser pontual, impulsionada pelo clima, não significando estabilidade de preços em patamares confortáveis para o produtor a longo prazo.

No varejo paranaense, o leite longa vida é comercializado, em média, a R\$ 5,35, repassando, em parte, ao consumidor o incremento no preço pago no campo. É possível que as altas ainda se estendam pelos próximos meses, até a estabilização da captação.

## PERUS

*Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

No Brasil, duas empresas comandam a criação de perus e a produção de carne de peru e produtos derivados: a MBRFoods (resultado da fusão da Marfrig + BRFoods), com atividades no Paraná, e a JBS (Seara), com estruturas em Santa Catarina e em Caxias do Sul (RS).

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, no primeiro quadrimestre de 2026, a exportação nacional de carne de peru atingiu 22.328 toneladas, resultando num ingresso de divisas da ordem de US\$ 90,863 milhões.

Assim, registra-se uma alta de 23,1% (volume) e 124,6% (receita cambial) sobre o ano anterior (volume: 13.632 toneladas e receita cambial: US\$ 29,967 milhões).

**Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026**

No acumulado de quatro meses de 2026, os principais estados exportadores e produtores foram: 1º - Santa Catarina (US\$ 39,200 milhões e 8.906 toneladas), 2º - Rio Grande do Sul (US\$ 28,987 milhões e 8.663 toneladas) e 3º - Paraná (US\$ 22,610 milhões e 4.739 toneladas).

Em relação ao ano anterior, considerando o período em análise, os três estados da federação tiveram crescimento na exportação de carne de peru (toneladas): Paraná (+ 6,9%), Santa Catarina (+ 38,4%) e Rio Grande do Sul (+ 21,2%).

No ano anterior, o Paraná apresentou os seguintes números: faturamento: US\$ 10,609 milhões e volume: 4.434 toneladas.

Entretanto, em termos de receita cambial, a performance foi a seguinte: Paraná (+ 113,1%), Rio Grande do Sul (+ 69,9%) e Santa Catarina (+ 171,1%).

Da quantidade total exportada em 2026 (22.328 toneladas e US\$ 90,328 milhões), 99,03% corresponderam a produtos “in natura” (22.112 toneladas e US\$ 89,753 milhões).

O preço médio alcançado pela carne de peru “in natura” foi de US\$ 4.059,03/t, 77,6% maior que o valor médio de US\$ 2.285,33/t, obtido em igual período do ano anterior.

Assim, a exportação total de produtos “in natura” resultou 30,4% maior de janeiro a abril de 2026 frente a igual período de 2025, enquanto a receita cambial cresceu 131,7% (2026: US\$ 89,753 milhões e 22.112 toneladas e 2025: US\$ 38,729 milhões e 16.947 toneladas).

Considerando-se os principais destinos das 22.328 toneladas exportadas no primeiro quadrimestre de 2026, os destaques foram (volume em toneladas e receita cambial): 1º - México (6.825 e US\$ 30,703 milhões), 2º - Chile (3.323 e US\$ 22,893 milhões), 3º - África do Sul (3.027 e US\$ 5,446 milhões), 4º - Países Baixos (1.611 e US\$ 11,452 milhões) e 5º - Peru (1.071 e US\$ 3,150 milhões).

Em relação a igual período do ano anterior, deu-se o seguinte desempenho em termos de volume adquirido entre os cinco principais países importadores (volume): México (+ 319,7%), Chile (+ 35,8%), África do Sul (+ 32,5%), Países Baixos (- 15,8%) e Peru (- 37%).

Entretanto, quando se analisa o ingresso de divisas externas, a performance dos cinco é a seguinte: México (+ 627,4%), Chile (+ 228,5%), África do Sul (+ 184,6%), Países Baixos (+ 41,1%) e Peru (- 0,5%).

Outros cinco importantes importadores de carne de peru são: 6º –

**Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026**

Guiné Equatorial (849 e US\$ 1,788 milhão), 7º - Gana (792 e US\$ 1,363 milhão), 8º - Benin (690 e US\$ 1,465 milhão), 9º - Gabão (509 e US\$ 1,227 milhão) e 10º - Bahamas (476 e US\$ 1,092 milhão).

## OVOS

*Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

De acordo com o Agrostat Brasil - MAPA, de janeiro a abril de 2026, a exportação nacional de ovos atingiu 16.863 toneladas, volume 14,5% menor que o verificado em igual período de 2025 (19.692 toneladas).

E, sobre o faturamento correspondente ao volume vendido, constata-se que este subiu 3,5%, conforme segue: 2026 (US\$ 68,692 milhões) e 2025 (US\$ 66,377 milhões).

Os itens que compõem o “complexo ovos” são os ovos férteis destinados à incubação e pintos (material genético), os ovos frescos com casca, ovos cozidos e secos, gemas frescas e cozidas e ovoalbumina. Os itens mais representativos são os ovos férteis destinados à incubação e os ovos frescos com casca.

No primeiro quadrimestre de 2026, o estado do Paraná aparece na condição de

2º maior exportador (volume: 2.908 toneladas e receita cambial: US\$ 17,106 milhões), volume maior (+ 18,5%) e faturamento maior (+ 45%) em relação a 2025 (volume: 2.454 toneladas e receita cambial: US\$ 11,795 milhões).

Dentre os cinco principais exportadores de ovoprodutos no período em análise, a maioria experimentou crescimento e apenas um apresentou queda no volume exportado: São Paulo (+ 3,8%), Paraná (+ 18,5%), Minas Gerais (+ 22,5%), Rio Grande do Sul (+ 36%) e Mato Grosso (- 44,8%).

Na condição de maior exportador, em 1º lugar, está o estado de São Paulo (5.377 toneladas e US\$ 28,117 milhões) e, depois, em 2º lugar, vem o estado do Paraná (2.908 toneladas e US\$ 17,106 milhões), sendo que em 3º lugar desponta Minas Gerais (2.373 toneladas e US\$ 3,959 milhões).

Em 4º lugar, vem o estado sulista do Rio Grande do Sul (2.132 toneladas e US\$ 8,247 milhões) e, em 5º, o estado de Mato Grosso (1.811 toneladas e US\$ 2,263 milhões).

No acumulado dos quatro meses de 2026, o Chile subiu ao topo, destacando-se na condição de principal importador de ovoprodutos do Brasil, com volume de 3.133 toneladas e receita cambial de US\$ 7,042

**Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026**

milhões, aumentando a importação em 74,2% (volume) e em 52,6% (receita cambial) sobre o ano anterior (1.798 toneladas e US\$ 4,613 milhões).

Na sequência, vêm os seguintes países (volume e faturamento): 2º - México (2.401 toneladas e US\$ 13,429 milhões), 3º - Emirados Árabes Unidos (1.835 toneladas e US\$ 2,316 milhões), 4º - Senegal (1.638 toneladas e US\$ 9,213 milhões), 5º - Japão (1.493 toneladas e US\$ 3,785 milhões) e 6º - Paraguai (998 toneladas e US\$ 5,997 milhões).

Em termos de performance sobre igual período do ano anterior, a situação é a seguinte (volume e faturamento): 1º - Chile (+ 74,2% e + 52,6%), 2º – México (- 41,6% e - 34,9%), 3º – Emirados Árabes Unidos (+ 27,2% e + 26,8%), 4º – Senegal (+ 31,8% e + 49,9%) e 5º - Paraguai (+ 31,8% e + 49,9%).

No acumulado do primeiro quadrimestre de 2025, os Estados Unidos da América (EUA) destacaram-se na condição de principal importador de ovoprodutos do Brasil, com volume de 5.591 toneladas e receita cambial de US\$ 11,810 milhões, aumentando a importação em 819,6% (volume) e em 1.008,9% (receita cambial) sobre igual período do ano de 2024 (608 toneladas e US\$ 1,065 milhão).

No dia 9 de julho de 2025, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou a imposição de uma tarifa de 50% sobre inúmeros produtos da agropecuária (ovos, inclusive) e de outros setores provenientes do Brasil, a vigorar a partir de 6 de agosto.

Infelizmente, tal fato também atingiu a avicultura de postura brasileira, momento em que os EUA destacavam-se como importador de ovos de consumo, visando atender a seu mercado interno desabastecido devido à ocorrência de “gripe aviária” (influenza aviária: H5N1), que resultou no extermínio de milhões de galinhas desde o ano de 2015.

Em novembro de 2025, os EUA anunciaram a retirada da tarifa de 50% de diversos produtos brasileiros, porém o café solúvel, a uva, o mel, os pescados e os ovos continuaram sendo taxados.

Assim, desde lá, os efeitos adversos do “tarifaço” sobre a avicultura de postura brasileira continuam com importante impacto negativo.

No primeiro quadrimestre de 2026, a importação estadunidense de ovos foi de apenas 103 toneladas, com gastos da ordem de US\$ 81.635, contra números muito maiores em igual período de 2025

**Boletim Conjuntural Semana 23/2026 – 03 de junho de 2026**

(volume: 5.591 toneladas e receita cambial: US\$ 11,810 milhões).

Em resumo, as informações dispostas sugerem que a tarifa americana resultou na redução do volume físico de ovos de consumo exportados, interrompendo as possibilidades de conquista e a consolidação de um mercado comprador para os ovos do Brasil.